

O EXÉRCITO ESPANHOL NO SÉCULO XVI E AS TROPAS HOLANDESAS DE NASSAU

*“Uma tarde, o comandante dos sitiados espanhóis, o duque de Parma, mandou colocar uma mesa perto das trincheiras para que ele e seu comando pudessem jantar ao ar livre. Mal a refeição havia começado, uma bala de canhão voou sobre a mesa, arrancando a cabeça de um jovem oficial, e um fragmento de seu crânio atingiu o olho de um de seus vizinhos. Uma segunda bala atingiu mais dois convidados do duque. Com sangue e miolos espalhados por toda a mesa, o duque permaneceu impassível. Ordenou a remoção e requisitou uma toalha limpa, convidando todos a retornarem a seus lugares e a continuar a refeição.”*¹²

Na primeira metade do século XVI, o Reino da Espanha, respaldado por um forte exército, era um dos estados mais poderosos da Europa. Séculos antes, em 711, a península Ibérica havia sido invadida e ocupada pelos mouros (povo árabe-berbere, que professava a religião islâmica). Os ibéricos logo iniciaram uma luta para libertar sua terra, obtendo gradativos êxitos. Em 1492, os reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela completaram a reconquista, ao expulsarem os muçulmanos de Granada.

No início do século XVI, Carlos de Habsburgo, neto de Fernando e Isabel, herdou diversos reinos e territórios, que deram origem a um grande império. Dos avós maternos, Fernando e Isabel, Carlos recebeu Aragão, Castela, Sicília, Nápoles, Sardenha, Granada e possessões no Caribe; dos avós paternos, Maximiliano de Habsburgo e Maria de Borgonha, obteve a Áustria, a Alsácia, o Tirol e os Países Baixos (Holanda, Bélgica e Luxemburgo).

Em 1519, Carlos foi eleito imperador do Sacro Império Romano-Germânico, passando a se denominar Carlos V. O Sacro Império-Romano, localizado no centro da Europa, era constituído por numerosos Estados e cidades semiautônomos, de riqueza e poder variados.

Às suas heranças, Carlos V, ao longo do seu reinado, acrescentou Milão, Túnis, México e Peru. Em 1526, seu irmão Fernando tornou-se soberano da Boêmia, Silésia, Morávia e Hungria, aumentando ainda mais o poder dos Habsburgos.

¹² *História em revista*: a arte da guerra, 1997, p. 75.



Carlos V acreditava ter recebido a missão divina de governar, unificar, liderar e defender a cristandade ocidental. Durante todo o seu reinado esforçou-se para cumprir as tarefas às quais julgava ter sido predestinado. As riquezas de suas possessões europeias e americanas e o Exército Espanhol, o mais poderoso da época, pareciam ser-lhe mais do que suficientes para respaldar tais objetivos.

O Exército Espanhol tinha como principal trunfo unidades de infantaria, recrutadas em diferentes regiões da Europa, denominadas “terços”. Havia “terços” formados na Espanha (cerca de um quinto, considerados os melhores), “terços” recrutados em regiões das atuais Bélgica e Itália (territórios dominados pelos Habsburgos) e, ainda, “terços” oriundos da Alemanha, Irlanda e outros locais (constituídos por mercenários católicos). As forças não originárias da Espanha eram intituladas “Tropas das Nações”.

Dois tipos de infantaria compunham os “terços”: os dotados de pique (piqueiros) e os equipados com armas de fogo (arcabuzeiros ou mosqueteiros). Alguns combatiam sem nenhum equipamento de proteção, outros utilizavam capacetes e corseletes (armaduras leves que cobriam o tronco). Muitos deles também faziam uso de armas complementares como adagas, espadas e dardos.

Os efetivos dos “terços” e o número de piqueiros, arcabuzeiros e mosqueteiros que os compunham variaram ao longo do tempo, dependendo da disponibilidade de recursos, do fato de se estar em guerra ou não e de outras circunstâncias. Quando de sua formação, o número de soldados previsto para um terço era de três mil, divididos em dez companhias de piqueiros e duas de arcabuzeiros e mosqueteiros. A tendência,

entretanto, foi o aumento do número de arcabuzeiros e mosqueteiros em detrimento da quantidade de piqueiros. No final do século XVI, o número de arcabuzeiros e mosqueteiros suplantou o de piqueiros.

O “terço” era comandado por um mestre-de-campo (assessorado por sargentos-mores, furriéis-mores, boticários, capelães e cirurgiões, entre outros) e as companhias por capitães. A crescente importância da infantaria fez com que muitos nobres espanhóis se tornassem infantas, abandonando a tradição feudal pela qual a nobreza integrava exclusivamente a cavalaria.

A cavalaria espanhola era composta por esquadrões de diversas especialidades, também recrutados em diferentes partes da Europa. Os cavaleiros pesados, com armadura quase completa, provinham de Flandres (equipados com lanças) e da Alemanha (dotados de espadas e pistolas); os cavaleiros leves, com poucas peças para proteção individual ou mesmo sem armadura, procediam da Itália e da própria Espanha (portavam lanças curtas, espadas, pistolas ou arcabuzes de tamanho médio).

O Exército Espanhol não tinha uma boa artilharia de campanha, pois seus líderes priorizavam a artilharia naval e a de fortaleza. Por isso contratavam os serviços de mercenários alemães quando necessitavam de uma artilharia de campanha eficaz.

Os espanhóis organizaram quartéis para o adestramento de parte de suas tropas. Eram realizadas manobras no terreno, nas quais se buscava alcançar a máxima precisão e disciplina. O treinamento dos mercenários era por conta de seus comandantes.

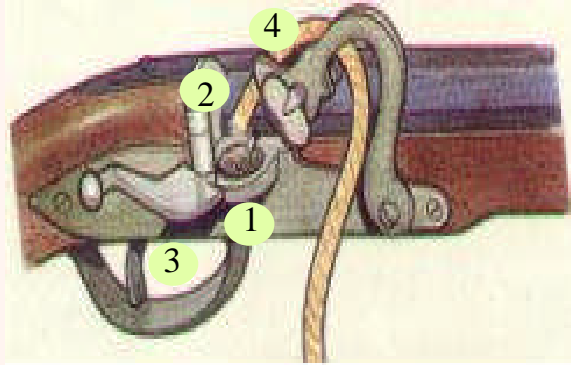
RENDIÇÃO DE BREDA



- EPISÓDIO OCORRIDO EM 1624, QUANDO OS HOLANDESES QUE DEFENDIAM A CIDADE DE BREDA SE RENDERAM AOS ESPANHÓIS.
- OBSERVA-SE PIQUEIROS (À DIREITA) E UM MOSQUETEIRO (À ESQUERDA).

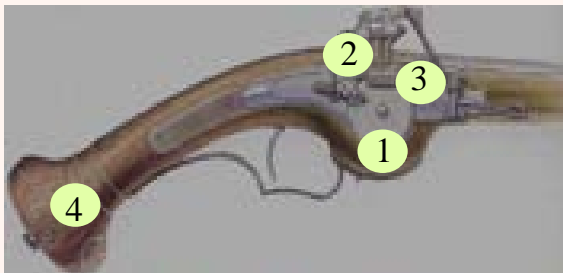
ARMAMENTOS

APERFEIÇOAMENTO DO MECANISMO DE DISPARO DO ARCABUZ



Por volta de 1520, na Espanha, foi aperfeiçoado o mecanismo de disparo dos arcaibuzes. O ouvido da arma passou a ser colocado no lado direito do cano, entrando em contato com a caçoleta (compartimento onde se colocava a pólvora da escorva), posicionada também à direita do cano (1). A caçoleta passou a ter uma tampa que protegia a escorva de intempéries e solavancos (2), propiciando aos soldados movimentarem-se com a arma escorvada pronta para o disparo. Outra inovação foi um dispositivo de mola, que, pela ação do atirador sobre o gatilho (3), conduzia a serpentina com a mecha ou morrão (4) até a caçoleta.

O RODETE E A PISTOLA



Na década de 1520, na Alemanha, surgiram armas que utilizavam o sistema do rodete. Nestas, para provocar a detonação da pólvora da caçoleta, em vez da mecha, fazia-se uso de uma pequena roda dentada de aço (1) e de uma pederneira (pedra muito dura que produz facilmente faíscas quando friccionada em uma peça de aço) (2). A ação do atirador sobre o gatilho acionava uma mola que fazia a roda dentada girar e friccionar-se na pederneira; o que produzia faíscas que por sua vez inflamavam a escorva que estava na caçoleta (3). A diminuição do tamanho do arcaibuz de roda deu origem às pistolas (4), usadas principalmente pela cavalaria.

O MOSQUETE



O mosquete foi criado em meados do século XVI. Era semelhante ao arcaibuz, mas feito com materiais mais resistentes, o que lhe proporcionava realizar disparos mais potentes. O alto poder de penetração dos projéteis dos mosquetes serviu para tornar de vez obsoletas as pesadas armaduras dos cavaleiros. Arcaibuzes e mosquetes coexistiram durante todo século XVI, sendo o uso do arcaibuz predominante.

Os comandantes militares procuravam motivar os soldados recrutados nos domínios espanhóis inculcando-lhes valores protonacionais (nacionalismo embrionário), religiosos (defesa e expansão da religião católica) e de honradez (brio, decoro, pundonor). Os fatores imprescindíveis para a manutenção do moral das tropas, no entanto, eram o pagamento e o suprimento em dia, o que por vezes deixava de acontecer. Os mercenários, evidentemente, só lutavam se devidamente pagos e supridos.

As batalhas campais eram raras, pois o sistema defensivo dos países europeus estava estruturado em torno de fortificações construídas em locais e cidades estratégicas. Os espanhóis procuravam reduzi-las usando a artilharia, sapadores ou levando os defensores à rendição por falta de suprimentos.

Mesmo contando com recursos e forças militares formidáveis, Carlos V não conseguiu atingir os objetivos que para si havia estabelecido, pois viu-se envolvido em conflitos simultâneos. No mar Mediterrâneo e nos Bálcãs, empreendeu diversas campanhas contra os turcos otomanos, que ameaçavam diversos domínios dos Habsburgos; na Europa ocidental, guerreou contra o rei francês Francisco I, por questões hegemônicas; e no Sacro Império, combateu os Estados “protestantes” (adeptos da Reforma Religiosa iniciada por Lutero em 1517), que reivindicavam liberdade de culto e maior autonomia.

Os problemas de Carlos V se agravaram quando contra ele se aliaram Francisco I, os turcos otomanos e os Estados “protestantes”. O Império Habsburgo, mesmo sendo o mais rico da Europa, não possuía recursos para realizar campanhas concomitantes. Desse modo, sempre que Carlos V estava próximo de vencer decisivamente um adversário, um outro o atacava, propiciando a recuperação do primeiro.

Em 1555, Carlos V, pela Paz de Augsburgo, reconheceu que os Estados do Sacro Império, de acordo com a orientação de seus príncipes governantes, poderiam optar entre o luteranismo e o catolicismo. Um ano depois, desgastado física e mentalmente e com o tesouro exaurido, abdicou do trono (faleceu em 1558).

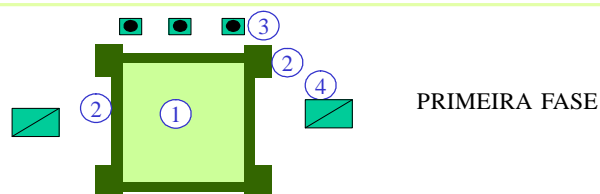
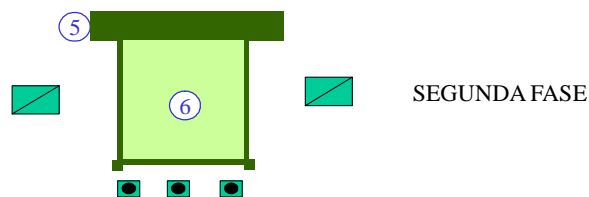
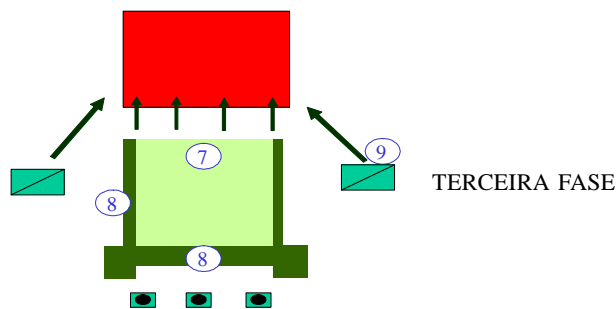
O RENASCIMENTO E A REFORMA RELIGIOSA

O Renascimento foi um movimento de renovação cultural iniciado na Itália no final da Idade Média, que se espalhou por outros países da Europa. Os renascentistas procuraram restaurar os valores do período clássico. O espírito investigador da época levou muitos pensadores a questionar os dogmas, as práticas e a autoridade da Igreja Católica Romana, dando origem à Reforma Religiosa.

A Reforma Religiosa foi iniciada em 1517, por Martinho Lutero, na Alemanha. Seus adeptos foram chamados “protestantes”. O movimento propagou-se para outros países da Europa, surgindo novas religiões, com doutrinas diversas, de acordo as condições sociais, econômicas e políticas locais.

Muitos líderes na Idade Moderna fizeram reformas em seus exércitos, inspirando-se nos valores greco-romanos. A quebra da unidade cristã na Europa, por sua vez, deu origem a conflitos religiosos que, em muitos casos, resultaram em sangrentas guerras.

FORMA USUAL DE COMBATE DO EXÉRCITO ESPANHOL



LEGENDA

■ ATIRADORES ■ PIQUEIROS ■ ARTILHARIA ■ CAVALARIA ■ INIMIGO

Primeira fase: os infantes eram posicionados em grandes quadrados denominados “terços”; os piqueiros ficavam no centro (1); enquanto arcabuzeiros/mosqueteiros formavam pequenos quadrados nos vértices ou constituíam fileiras nas alas, na frente e na retaguarda da formação (2). A artilharia era colocada na frente (3) e a cavalaria nas alas (4) do “terço”. Tal dispositivo garantia a segurança dos “terços” em todas as direções.

Segunda fase: a artilharia, após lançar seus fogos sobre o inimigo, era ultrapassada pelos infantes e cavaleiros. Em seguida, a maioria dos arcabuzeiros/mosqueteiros (5) se posicionava à frente dos piqueiros, passando a disparar contra o inimigo; os piqueiros, à retaguarda (6), protegiam os atiradores de ataques da cavalaria ou da infantaria adversária.

Terceira fase: após o inimigo estar enfraquecido, ocorria a ação principal, que estava a cargo dos piqueiros. Estes se posicionavam à frente dos atiradores e atacavam o inimigo (7), procurando decidir o combate com seu poder de choque. Enquanto ocorria a ação principal, os arcabuzeiros/mosqueteiros se posicionavam à retaguarda ou nos flancos dos piqueiros (8), para, se possível, apoiá-los com seus fogos.

A cavalaria seguia nas alas dos terços, procurando atacar os flancos do inimigo (9). As companhias de cavaleiros alemães, a serviço da Espanha, usavam a tática do “caracole”: cada cavaleiro, a trote, quando chegava à frente da fila onde se encontrava, disparava sua pistola sobre o inimigo, seguindo então para a retaguarda para recarregar. Quando o inimigo estivesse suficientemente desgastado, os cavaleiros carregavam a golpe de espada.

A artilharia espanhola normalmente tinha papel pouco importante nas batalhas campais. Os canhões (muito pesados, sujeitos a falhas, difíceis de transportar, de variados calibres e com dispositivos de pontaria deficientes), dificultavam a manobrabilidade dos artilheiros, que pouco podiam fazer para influir no combate nos momentos decisivos. O exército derrotado normalmente perdia sua artilharia, pois não tinha condições de transportá-la na rápida retirada que se seguia ao desfecho do combate.

O Império de Carlos V acabou dividido: Filipe II, seu filho, recebeu a Espanha, a Itália, os Países Baixos, o Franco-Condado e as colônias americanas; Fernando, seu irmão, ficou com os territórios alemães e austríacos.

Filipe II procurou inicialmente resolver os problemas que levaram seu pai a abdicar. Firmou o Tratado de Paz de Cateau-Cambresis com a França e estabeleceu uma trégua com o Império Otomano. Depois disso, voltou-se para novas questões, agora com Portugal, Inglaterra e Países Baixos.

Em 1580, devido à morte do Cardeal D. Henrique, o trono português ficou vago. Filipe II, que era filho de uma princesa portuguesa, herdou a Coroa e as possessões coloniais portuguesas, aumentando em muito seu prestígio e força.

Menos feliz foi em seu confronto com a Inglaterra. Em 1558, assumiu o trono inglês Elizabeth I, que tomou diversas medidas contrárias aos interesses de Filipe II. A rainha inglesa perseguiu os católicos da Inglaterra, apoiou os Países Baixos que haviam se rebelado contra o domínio espanhol e, ainda, protegeu corsários que atacavam navios mercantes hispânicos. O rei espanhol decidiu resolver suas pendências com Elizabeth I por meio de uma guerra. Para isso, organizou uma grande frota, denominada “Invencível Armada”, que deveria conquistar a Inglaterra. Em 1588, no entanto, a “Invencível Armada” foi destruída pela Marinha Inglesa e por uma forte tempestade. A derrota da “Invencível Armada” marcou o início da supremacia da Inglaterra nos mares, coroando os esforços dos ingleses que priorizaram o aprimoramento da marinha para a defesa do seu país.

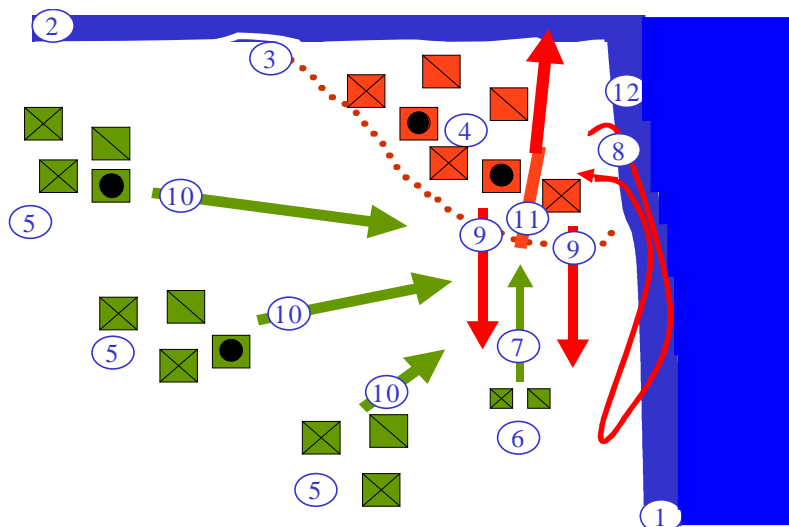
O confronto entre a Espanha e os Países Baixos foi bem mais longo. Estes eram uma unidade administrativa do Império Habsburgo, constituída por dezessete províncias de língua francesa ou holandesa, muito próspera graças à produção manufatureira e ao comércio marítimo.

As províncias dos Países Baixos tinham grande autonomia, não existindo um poder central. Havia, no entanto, os Estados Gerais, um foro localizado na cidade de Bruxelas, onde delegados das províncias se reuniam para discutir problemas comuns. O Calvinismo, fruto da Reforma Religiosa, encontrou grande aceitação nas províncias do norte (as do sul permaneceram predominantemente católicas).

Carlos V não interferia profundamente nos assuntos dos Países Baixos. Filipe II, todavia, adotou uma postura oposta: procurou controlar a política local, passou a perseguir os calvinistas e impôs pesados impostos.

As medidas opressivas de Filipe II levaram os Países Baixos, em 1567, a se rebelar contra a Espanha. O soberano espanhol imediatamente destacou o Duque de Alba (García Alvarez de Toledo) para pôr fim à revolta; este, após duras lutas, obteve somente êxitos parciais. As províncias católicas do sul (atual Bélgica) foram submetidas; mas as calvinistas do norte resistiram. Em 1581, sob a liderança de Guilherme de Orange, as sete províncias do norte proclamaram sua independência, constituindo um novo país, denominado República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, comumente chamado Holanda.

BATALHA DE JEMMINGEN



LEGENDA

TROPAS ESPANHOLAS

☒ INFANTARIA

☑ CAVALARIA

● ARTILHARIA

TROPAS DOS PAÍSES BAIXOS

☒ INFANTARIA

☑ CAVALARIA

● ARTILHARIA

Em 1568, na Frísia, nos Países Baixos, tropas a serviço da Espanha, lideradas pelo Duque de Alba, enfrentaram um exército dos Países Baixos, comandado por Luís de Nassau. A contenda envolvia a independência da Holanda, não reconhecida pela Espanha. Alba possuía um efetivo de cerca de 15 mil homens (12 mil de infantaria e 3 mil de cavalaria); enquanto Luís contava com aproximadamente 13 mil homens (11 mil de infantaria e 2 mil de cavalaria). Após manobras, Alba conseguiu encurralar as tropas de Luís em uma península formada pelo golfo de Dollard (1) e pelo rio Ems (2). Diante da situação, Luís mandou construir um entrancheamento (3) para melhor fazer frente ao inimigo. À retaguarda de suas trincheiras, Luís escalonou suas forças (4). Alba não tinha planos de realizar um ataque frontal à posição inimiga; em virtude disso dividiu suas tropas em três grupos (5), visando impedir uma possível retirada do adversário. Em seguida, o comandante espanhol, com o objetivo de inquietar o adversário, ordenou que um contingente formado por cerca de 1.500 arcabuzeiros e 300 cavaleiros leves (6) atacasse a posição inimiga (7). Esse contingente passou a realizar escaramuças com as tropas que estavam na defensiva. Enquanto as escaramuças se sucediam, Luís ordenou que um grupo de reconhecimento se dirigisse à retaguarda espanhola para verificar se havia mais tropas inimigas no campo de batalha, além daquelas que o atacavam (8). O grupo de reconhecimento, ao retornar, informou a Luís não ter encontrado outras tropas inimigas. Luís ordenou, então, que suas tropas saíssem detrás das trincheiras e lançassem um ataque total contra o pequeno contingente inimigo que as fustigava (9). Quando as forças de Luís tinham avançado cerca de 300 metros além de suas trincheiras, Alba desencadeou um ataque com todas as suas tropas (10). Surpreendido, Luís ordenou uma retirada (11), que logo se transformou em fuga desesperada. Em pânico, sem ter por onde fugir, muitos soldados tentaram atravessar o rio Ems a nado (12), morrendo afogados. Outros tantos foram massacrados pelas forças espanholas. O resultado da batalha foi uma grande vitória dos espanhóis, que se apoderaram dos canhões e dos suprimentos do inimigo. Os espanhóis tiveram cerca de 300 baixas; os Países Baixos por volta de 7 mil.

Em 1584, Guilherme de Orange foi assassinado. Seu filho Jan Mauritz van Nassau-Siegen¹³ (1567-1625) passou a governar a Holanda.

Em face do perigo espanhol, Nassau resolveu reorganizar o Exército Holandês. Depois de considerar os “terços” formações muito rígidas e lentas, criou uma nova unidade tática, mais flexível: o batalhão. Este era composto por 500 homens, e dele faziam parte, em igual proporção, atiradores (arcabuzeiros/mosqueteiros) e piqueiros. Os batalhões podiam combater apoiando-se; oito deles formavam uma brigada.

Nassau deu ênfase ao treinamento e à organização de suas tropas, adotando, para isso, manuais de instrução. Criou um rigoroso programa de instrução de modo a fazer com que todos os soldados treinassem repetida e regularmente as ações que executariam em combate (os soldados, dentro de formações emassadas, treinavam ordem unida, através da qual aprendiam a realizar mudanças de frente e a formar linhas de combate). Exigia, também, de atiradores e piqueiros o manejo dos armamentos de forma padronizada e com a máxima eficiência.

Nassau adotou a contramarcha, na qual os arcabuzeiros e mosqueteiros se colocavam em colunas, passando, de maneira ritmada, a disparar salvas sobre inimigo (o mosqueteiro ou arcabuzeiro, quando chegava à frente de sua coluna, disparava sua arma, retornando, em seguida, ao final da fila para recarregar e aguardar novamente a vez de disparar; repetindo-se o processo, garantia-se um fogo contínuo contra o oponente).

Sob muitos aspectos, entretanto, as tropas de Nassau se assemelhavam às espanholas. Os equipamentos pouco diferiam e a cavalaria e a artilharia tinham organizações parecidas. As forças holandesas eram compostas predominantemente por mercenários provenientes de locais onde o protestantismo se enraizou (Inglaterra, Escócia e regiões da Alemanha e França). As tropas combatiam, de modo geral, motivadas pelo credo, honra e pagamentos. Nassau sempre pagava pontualmente e dava boas condições de serviço a seu exército, mantendo-o com o moral elevado; em troca exigia rigorosa disciplina.

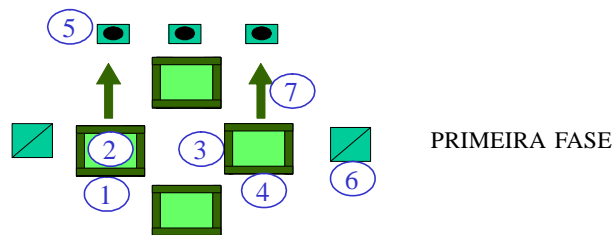
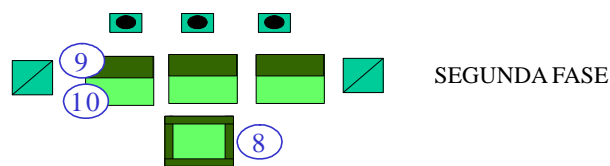
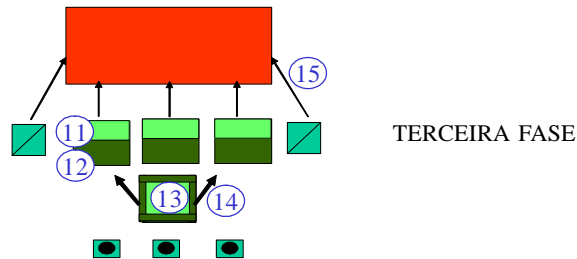
As batalhas campais não tiveram grande relevância na guerra entre a Holanda e a Espanha, pois este conflito foi caracterizado por sítios. Em virtude disso, Nassau deu particular importância aos engenheiros e sapadores, que eram os elementos encarregados dos trabalhos de construção ou assédio de fortalezas.

Os assédios eram realizados por meio de aproches, que consistiam de entrincheiramentos feitos pelos atacantes para se aproximar de praças sitiadas, dos quais, protegidos, podiam mais facilmente abrir brechas nas defesas adversárias. Os sitiados, em contrapartida, buscavam construir contra-aproches, que eram entrincheiramentos construídos para evitar a aproximação dos aproches do atacante.

A estratégia militar da Holanda frente à Espanha era defensiva. Graças aos

¹³ Não deve ser confundido com Johann Mauritius van Nassau-Siegen (1604-1679), holandês que governou parte do nordeste brasileiro, na primeira metade do século XVII).

FORMA USUAL DE COMBATE DO EXÉRCITO HOLANDÊS



LEGENDA

ATIRADORES
 PIQUEIROS
 ARTILHARIA
 CAVALARIA
 INIMIGO

Primeira fase: eram grupados dois batalhões, formando o “Batalhão Duplo” (1). Quatro batalhões duplos formavam uma “brigada” (esta correspondia em efetivo a um “terço”), ficando dispostos em três linhas, em xadrez. Nas marchas de aproximação, os soldados formavam em dez fileiras dentro dos batalhões; os piqueiros se posicionavam no centro (2); os mosqueteiros/arcabuzeiros, na frente, nas alas (3), e na retaguarda (4). A artilharia era posicionada na frente do dispositivo (5) e a cavalaria nos flancos (6). Os batalhões duplos possibilitavam grande liberdade de manobra ao comandante geral, podendo este, como na figura acima, fazer avançar seus batalhões da segunda para a primeira linha (7), conseguindo uma forte frente de combate.

Segunda fase: os batalhões duplos que estavam na terceira linha podiam passar para a segunda, constituindo uma reserva (8). A artilharia iniciava o combate disparando contra o inimigo, depois era ultrapassada pelas demais tropas. Em seguida, a maioria dos mosqueteiros/arcabuzeiros (9) se posicionava na frente dos piqueiros (10), disparando salvas contra o adversário.

Terceira fase: depois de enfraquecido pelo fogo dos atiradores, o inimigo era atacado pelos piqueiros (11), agora posicionados à frente dos atiradores (12). A reserva da segunda linha (13) podia ser empregada onde mais se fizesse necessária (14). A cavalaria visava aos flancos do inimigo (15). A disposição e o efetivo menor dos batalhões de Nassau faziam com que os exércitos holandeses tivessem mais flexibilidade dos que os dos espanhóis.

recursos provenientes do comércio, os holandeses construíram numerosas fortalezas ou fortificaram cidades em seus territórios. Os espanhóis, em suas ofensivas, se viam obrigados a despende muito tempo e recursos para conquistá-las, o que nem sempre acontecia. Caso obtivessem sucesso na captura de uma fortificação, os espanhóis passavam a ter outros problemas, pois agora tinham de arcar com o ônus de manter uma guarnição no local, o que consumia recursos financeiros e diminuía os efetivos que prosseguiriam na ofensiva.

A guerra entre a Espanha e a Holanda, alternada por períodos de trégua, prosseguiu até 1648, quando, pelo Tratado de Westfália, os espanhóis, com seu país debilitado, reconheceram oficialmente a independência dos holandeses.

O “terço”, com sua organização inovadora, fez do Exército Espanhol o melhor da Europa por quase todo século XVI. Nassau, por sua vez, aprimorou o Exército Holandês, deixando-o em condições de resistir às investidas espanholas. Como a guerra entre a Holanda e a Espanha foi travada predominantemente em torno de fortalezas e cidades fortificadas, as inovações táticas de Nassau não foram amplamente empregadas. A Gustavo Adolfo, soberano sueco, caberia a aplicação de muitas das ideias de Nassau nos campos de batalha.